Tudo se junta em Manaus: o PIM como espaço de construção da sociabilidade operária

Milton Melo dos Reis Filho

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1586>

DOI: 10.4000/pontourbe.1586

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Milton Melo dos Reis Filho, « Tudo se junta em Manaus: o PIM como espaço de construção da sociabilidade operária », *Ponto Urbe* [Online], 6 | 2010, posto online no dia 31 julho 2010, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1586> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1586

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

Tudo se junta em Manaus: o PIM como espaço de construção da sociabilidade operária

Milton Melo dos Reis Filho

- 1 Foi precisamente a partir dos anos 1960 que a cidade de Manaus sentiu na sua geografia o reflexo das significativas mudanças. Mudanças que culminaram com a acelerada ocupação do espaço, religando o ser aos desafios propalados pela Zona Franca de Manaus. Constituiu-se um novo cenário no imaginário do homem do campo e da cidade, onde tudo se junta em Manaus. Assim como o cenário contemporâneo de Los Angeles mostrado por Soja (1993) em sua obra “Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica”, Manaus, também, apresenta o Pólo Industrial de Manaus (PIM) como espaço de atração do trabalhador rural para a indústria. Esse novo campo no qual os trabalhadores foram inseridos passou a exigir-lhes um perfil, o do trabalhador operário. Ainda prevalecia o sonho de melhorar de vida, a busca por novas oportunidades, enfim, da realização pessoal e profissional.
- 2 A ideia do estudo de um tema vinculado à nossa história de trabalhador da indústria manauara na década de oitenta vem se somar a uma pesquisa realizada no curso de especialização em “História e Historiografia da Amazônia”, promovido pelo Departamento de História da Universidade Federal do Amazonas em 2004. Amadurecido ao longo das discussões travadas no decorrer do referido curso, este tema continuou a ser construído no âmbito do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, através das discussões em sala de aula e no processo de orientação.
- 3 Há necessidade de novas produções nesse campo temático de estudos investigativos em face do pouco que tem sido produzido em relação à história do movimento operário no Amazonas, mais enfaticamente, quando se trata exclusivamente da década de 80 do século XX.
- 4 Este estudo se justifica pela originalidade que apresenta em procurar compreender a história do operariado amazonense, a partir da fala e expressão dos próprios operários que foram os sujeitos centrais desta pesquisa. Busca-se também descobrir a novidade nas

lutas mais tradicionais do Pólo Industrial de Manaus, na ocupação do espaço, na resistência, na forma de fazer-se classe e história para o movimento social no Amazonas. Novos atores sociais surgem permanentemente, aparecem e desaparecem sem cessar, e a instabilidade indica dinamismo e experimentação constantes.

- 5 Vivemos no limiar de um período pós-industrial com as transformações tecnológicas da informática e da robótica. As técnicas de produção e as articulações sociais foram alteradas. O mundo industrial centralizado e concentrador, na grande empresa e na grande cidade, cede gradativamente lugar às novas estruturas mais flexíveis e descentralizadas através de redes de computadores.
- 6 Os novos ideais inseriram o Pólo Industrial de Manaus no espaço de construção e sociabilidade operária nos anos 1980. A nova reconfiguração no espaço fabril foi marcada por disputas, avanços e recuos nos quais os principais protagonistas foram os trabalhadores. Aqueles que dividiam preocupações e ideias na tentativa da construção de uma classe social, a classe social operária no Amazonas. O fazer-se classe foi o exercício incansável do operariado amazonense. Para esse exercício o Pólo Industrial de Manaus contou com o apoio e a participação da camada expressiva de trabalhadores que passaram a alterar a ocupação do espaço no PIM.
- 7 Novos cenários passaram a constituir-se no PIM. A começar pelo pátio da fábrica, horas de lazer, principais avenidas, principalmente a antiga Bola da Suframa. Esta representou o cenário mais marcante por ser o ponto de confluência do operariado, onde todos os ônibus que partiam das fábricas intercruzavam-se naquele local. Isso possibilitava o encontro dos trabalhadores para a realização de reuniões e deliberações necessárias ao fortalecimento da classe. A comissão de mobilização do sindicato dos trabalhadores utilizava os diferentes espaços para trabalhar em cima de Assembleia Geral com o intuito de decidir pela greve no Distrito Industrial de Manaus, caso os empresários não atendessem as reivindicações dos operários, sobretudo as econômicas.
- 8 As disputas entre operários e empresas eram de modo original, na guerra do som, porque diante das manifestações relâmpagos da presidência do Sindicato, Ricardo Moraes, a CCE atacou, nos seus auto-falantes com músicas do “Barão Vermelho”, “Paralamas do Sucesso”, e “Kid Abelha”, entre outros.
- 9 O espaço fabril alterava-se continuamente. Essa alteração ocorria quando os patrões diziam não às reivindicações do operariado e as manifestações dos operários metalúrgicos se davam por meio de bandeiras. O PIM amanhecia infestado de bandeiras, faixas e bandeiras gigantescas, conclamando os trabalhadores a se fazerem presentes às 18h30min do dia para decidirem se a categoria aceitava ou não a contra-proposta dos patrões. Se o que os patrões propusessem não agradasse aos metalúrgicos, eles entrariam em greve a partir do encerramento da Assembléia.
- 10 Em alguns casos a disputa ocorria pelo espaço da fala nos diferentes embates fabril do Pólo Industrial de Manaus. O presidente do sindicato, já rouco, suportou por quase trinta minutos a provocação dos auto-falantes da empresa, mas em dado momento não aguentou e passou a agredir a diretoria da empresa de forma mais popular. “Esses auto-falantes deveriam estar dentro do quarto da mãe do diretor da CCE”¹.
- 11 O tom foi sempre esse; quando a multidão se inflamava cada vez mais, a ponto de impedir a passagem de carros particulares, a direção da empresa mandava que os ônibus que transportavam os trabalhadores arrancassem. Quando isso ocorria, a parafernália era geral e muitos operários voltavam para suas casas a pé.

- 12 O interior das empresas era palco dos mais variados acontecimentos e, para exemplificar, vejamos o que acontecia dentro da Dismac S/A.

Para a ida ao banheiro, são cinco minutos, caso demore mais cinco minutos é anotado na ficha do indivíduo, o atraso. O pessoal do escritório não pode comunicar-se com ninguém da produção. Inaugurou-se um restaurante novo, mas devido ser mais distante que o antigo, houve problema de horário com pessoal que se atrasou. Os trabalhadores fizeram uma reunião e foram reclamar o pouco tempo, e conseguiram quinze minutos para merendar. Mas acontecia que mesmo assim as pessoas que foram merendar (depois do expediente) tiveram uma surpresa: o chefe dos motoristas deu ordem para todos os ônibus saírem no horário determinado, deixando muitas pessoas que deveriam ir nas rotas porque foram merendar. Agora continua a luta pela merenda. (Arquivo P.O. Jornal O Parafuso – 05/88).

- 13 Os trabalhadores, organizados nos grupos pastorais, colocavam como desafios a efetiva solidariedade com a massa dos trabalhadores pela justiça social. Havia necessidade de uma política de formação sólida aos militantes cristãos. Neste campo de ação o eixo do ensino social da igreja centrava-se no homem, pessoa solidária e seu trabalho.
- 14 A Igreja propõe e defende a propriedade e valor do trabalho sobre o capital. Para ela o trabalhador precisa ter uma remuneração que lhe assegure e à sua família uma vida condizente com a dignidade humana, este foi o grande sentido cristão do trabalho. Na perspectiva de uma sociedade participativa e embalada pelos anseios de redemocratização e livre expressão, a Pastoral Operária resgata o princípio de liberdade como direito de organização do trabalhador através do sindicato. O trabalhador operário tinha um universo bem amplo para atuar na construção do fazer classe (comissões de apoio, na arrecadação, discussões e esclarecimentos de pauta, mobilização da categoria, distribuição de boletins, entre outras).
- 15 A década de 80 colocou o operário metalúrgico em ação. Enquanto os empresários discutiam em sua Assembléia Geral suas propostas, os dirigentes sindicais dos metalúrgicos movimentavam-se nas ruas do Distrito Industrial convocando os operários para a grande assembléia e para estudarem as propostas dos patrões. As estratégias para a mobilização se davam de várias maneiras: informes nas portas de fábricas, o trabalho da formiguinha e do mosquitinho realizados pelos próprios operários. Esse trabalho implicava na divulgação de informações e acerto para a mobilização do dia seguinte, ou seja, como o trabalhador deveria proceder ao chegar ao seu trabalho. Foi uma tarefa muito árdua, pois nos anos 1980, os meios de comunicação não expressavam com elogios os anseios da classe trabalhadora. O espaço na mídia ainda era muito direcionado ao seu público, embora, alguns veículos de comunicação, muito tardiamente, tenham colaborado.
- 16 Os anos oitenta suscitaram novas configurações na expressão identitária dos trabalhadores, cujo fenômeno não é extensivo ao conjunto dessa classe, mas à sua representatividade que se apropria de novos padrões de ação coletiva, o que nos permite falar da emergência de novos sujeitos políticos. Estes atores sociais são parte de um cenário novo, de novas práticas sociais que estavam emergindo na história social do país. Eles foram interpretados a partir de suas linguagens e valores que professavam como indicadores da emergência de novas identidades coletivas. Sader (1988) examinou com primazia este tema no livro “Quando os novos personagens entram em cena”.
- 17 É com o espírito de ousadia, da força e da coragem que os operários do Pólo Industrial de Manaus encararam este cenário. Era o novo sindicalismo que emergia assumindo uma perspectiva combativa e classista, eram os novos movimentos sociais que se forjavam de

forma autônoma e por fora dos partidos políticos e da tutela do Estado num processo de auto-organização, reivindicando direitos e não trocando favores como os “velhos” movimentos do passado. Era o surgimento de uma nova sociabilidade presente em associações comunitárias onde a solidariedade e a ajuda mútua se contrapunham aos valores da sociedade burguesa, eram os novos movimentos sociais que politizavam espaços antes silenciados e enclausurados.

- 18 De onde ninguém esperava, parecia emergir novos sujeitos coletivos, criando seu próprio espaço e requerendo novos conceitos para sua inteligibilidade.
- 19 É o momento de expressão de uma cidadania voltada para o estabelecimento de relações entre as condições de existência posta para os trabalhadores, sob os auspícios do estado de direito. Sader (1988, p. 44) recorre ao modo como Thompson (1987) concebe a constituição histórica das classes sociais para reafirmar o fato de que “as classes acontecem à medida que os homens e mulheres vivem suas relações de produção e experimentam suas situações determinantes, dentro do conjunto de relações sociais com uma cultura e expectativa herdadas, e ao modelar essas experiências em formas culturais”.
- 20 Seguindo o rastro compreensivo deste autor, podemos dizer que, embora as pessoas se encontrem, numa sociedade estruturada, já determinada, a reconstituição histórica das classes depende da experiência das condições dadas, o que implica tratar tais condições no quadro de significações culturais que as impregnavam. É na elaboração dessas experiências que se identificam interesses e se constroem coletividades políticas, sujeitos coletivos e atores sociais (movimentos sociais).
- 21 A sociabilidade operária contribuiu com aplausos, reconhecimento e a qualificação da classe trabalhadora em Manaus. Além disso, a participação dos diferentes segmentos e lideranças passou a dar suporte à construção da classe operária, nos momentos de avanços nas conquistas sociais e trabalhistas. Esses momentos contaram com a presença de vários sindicatos de classe, como foi o caso do Sindicato dos Trabalhadores no Comércio Varejista, que decretou ali estar para prestar em nome de sua classe, solidariedade aos grevistas. Outro líder sindical que pediu a palavra foi o representante do sindicato dos Motoristas Profissionais. Todas as igrejas católicas de Manaus reverteram a apuração durante as missas, em benefício do fundo de greve dos metalúrgicos que estavam paralisados.
- 22 Numa tentativa de melhor adequação aos novos padrões sindicais foi preciso que os trabalhadores no seu local de trabalho comessem a se organizar. Neste enfrentamento direto com os patrões que se dava no cotidiano fabril só os operários podiam lutar. Foi exatamente nesse contexto que propuseram as comissões de fábrica. Os trabalhadores dentro das fábricas passaram a conversar sobre os seus problemas, condições de trabalho, demissões, alimentação e transportes, equipamentos de produção, dentre outros. Esta organização foi sendo feita gradativamente, conversando individualmente porque não era interessante ser demitido, mas continuar dentro da fábrica organizando os operários. Nas paradas de ônibus poucos conversavam. Este silêncio não contribuía em nada. Era importante começar a conversar porque era deste ato que surgiam as inquietações. Sentia-se, então, a necessidade de que todos os operários se empenhassem para a criação das comissões de fábrica o quanto antes.
- 23 Entre estes militantes não havia um modelo pronto e acabado, mas sempre se buscou a construção coletiva. E, neste caso específico, as comissões de fábrica era uma organização

a fazer. Na década de 80 já se conseguia visualizar algumas experiências concretas no então Distrito Industrial. Os trabalhadores estavam fazendo os seus caminhos, encontrando e discutindo seus problemas com dificuldades, mas com uma vontade imensa de apressar a organização dos trabalhadores. As comissões de fábrica foram também uma bandeira de luta da CUT, portanto, era preciso começar a participar da história contribuindo na construção das comissões de fábrica no interior das empresas.

- 24 O operariado amazonense deve muito a Sociedade Civil organizada porque esta montou de forma solidária uma infra-estrutura capaz de dar suporte completo no dia da eleição do sindicato (rádio amador para acompanhar todos os passos das urnas, pessoas suficientes, carros e seguranças). Contribuiu com a logística para a retomada do Sindicato em 1983. Este foi, pois, um processo muito rico, uma compreensão de sociedade civil e de seu papel, o que nos dias de hoje não presenciamos acontecimentos semelhantes no campo da militância operária. Os tempos são outros, aquele era um tempo de afirmação identitária e de construção de uma concepção de classe.
- 25 Nos anos oitenta, precisamente em 1985, registrou-se a maior greve no Distrito Industrial de Manaus. A Bola da Suframa pôde contar com a participação de trinta mil trabalhadores. Então o número de trabalhadores marchando nas ruas do Distrito Industrial era enorme. Foi uma das greves de maior repercussão que já houve no nosso Estado, na nossa cidade, foi um momento histórico. Foi uma greve geral da categoria. O movimento foi tão forte que conseguiu abarcar várias outras categorias não participantes da categoria metalúrgica.
- 26 Foi no clima da solidariedade que a cidade de Manaus parecia toda juntar-se no PIM. A solidariedade aos operários era vista por vários ângulos, impressionando o próprio presidente, Ricardo Moraes, do Sindicato dos Metalúrgicos com a proposta rápida e amiga da população de Manaus. As parabenizações aos trabalhadores pelos seus atos e ousadias soavam em tom de incentivo, salientando que a greve é um direito de todos os trabalhadores e afirmando que sairiam vitoriosos na batalha travada contra a exploração dos trabalhadores brasileiros. A cidade inteira parecia estar solidária, menos a Polícia Militar. Porém, esta já entendia que estava ali para defender a propriedade privada, que para isso foi inventada. Ela jamais poderia cometer os excessos, tão comuns, da Velha República. Um ato que também chamou muito a atenção foi a atitude de uma senhora de seus 60 anos. Ela foi ao Sindicato, com um pequeno embrulho nas mãos. Era uma mulher visivelmente pobre e humilde. E foi com toda a humildade que ela entregou ao Fundo de Greve meio quilo de café, “para os meninos que querem ganhar mais para ajudar a família a não passar fome” (Reis Filho, 2008, p. 127). Como ela fez questão de deixar bem claro.
- 27 O gesto desta senhora remonta todo o espírito da solidariedade operária, ou seja, uma compreensão da sociedade civil em relação aos trabalhadores do Parque Industrial de Manaus. Na década de oitenta a ação coletiva era algo presente nos corações e mentes da humanidade, todos lutavam em prol das causas comuns, oposto do que visualizamos na sociedade capitalista, globalizada, onde o senso da sociabilidade perdeu sua importância. Na década de oitenta, segundo Blass (1992, p. 10) “o imaginário político, os vínculos afetivos criados no desenrolar das lutas, a solidariedade e paixões envolvem-se nas práticas grevistas”. Hoje a luta pelo que é “nosso” perdeu completamente a sua preferência em detrimento do que é “meu”. As lutas sociais não mais envolvem a coletividade, perderam seus referenciais.
- 28 Nunca é demais lembrar que a competitividade não se dá apenas com empresas e com o comércio e geral, mas por ser ideológica ela passa a se dar com as pessoas também. As

peças se tornam competitivas entre si quebrando os princípios sociais da solidariedade e os princípios éticos que permitem uma convivência social. Esta áurea de competitividade acirrada gera a chamada “violência estrutural” que tem como base o fato de todos serem chamados a competir sob a lógica global da reprodução capitalista: “Num mundo globalizado, regiões e cidades são chamadas a competir e diante de tais regras atuais de produção e dos imperativos atuais de consumo, a competitividade se torna também uma regra de convivência entre as pessoas” (Santos, 2001, p.57).

- 29 Não há mais uma divisão nítida entre o comportamento das pessoas de forma que a política (cerne da atividade de organização humana) passa a ser dominada pelas empresas; daí a expressão “da política dos Estados a política das empresas”. A globalização tem levado as pessoas a se comprometer ideologicamente com o capital gerando uma competitividade excessiva, destruindo toda a solidariedade social. “A globalização mata a noção de solidariedade, desenvolve no homem a condição primitiva de cada um por si, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada” (Santos, 2001, p.65).
- 30 Mas na década de 80 a solidariedade operária não pára. Diversas entidades manifestavam apoio aos trabalhadores. A Associação dos Docentes da Universidade do Amazonas – ADUA, que contribuiu com um milhão de cruzeiros; o Sindicato dos Assistentes Sociais que contribuiu com duzentos mil e dois carros; a Associação dos Professores Profissionais do Amazonas – APPAM cedeu um mimeógrafo; o apoio do público; PCdoB; Convergência Socialista; Sindicato dos Vidros e Cristais; Partido dos Trabalhadores- PT; Partido Comunista do Brasil – PCB; Pastoral Operária; Setor Jurídico, Hospital Universitário Getúlio Vargas; CNBB – Norte I; Centro da Defesa dos Direitos Humanos; CIMI; AGB; Serviço Paz e Justiça; Associação Nacional dos Professores Universitários de História; diversos políticos amazonenses também apoiaram e colaboraram com o fundo de greve.
- 31 Toda a expressão dessas entidades convergia para a mobilização e construção da classe operária, alterando cotidianamente a rotina dos trabalhadores. Eles entraram em cena na década de 80 e o grande palco foi o Pólo Industrial de Manaus. Tudo parecia convergir para este lugar. Um lugar que já concentrava indústrias, crescimento de emprego, investimento financeiro mas que contrastava com uma periferalização provocada pela tão sonhada Zona Franca de Manaus, o que ocasionou a migração desenfreada do homem do campo.
- 32 O interior das fábricas representou o palco para o crescente número de grupos de operários organizados. Para isso foi incansável a atuação dos grupos dirigentes, um trabalho muito longo. Esses trabalhadores saíam nos finais de semana ou à noite de todos os dias e cada dirigente do Sindicato tinha que visitar um operário na sua casa. Sua tarefa, além de participar das reuniões, era, também, de levar informações para o Sindicato. Aqueles que eram simpáticos ao Sindicato passavam a fazer parte da categoria e se organizar junto com os operários dentro do Sindicato. Este novo membro passava a ser dirigente na fábrica dele com um grupo de dez a vinte pessoas em cada empresa.
- 33 Em 1986, quando aconteceu a greve, estavam 100% das grandes fábricas organizadas. Elegueu-se 20 fábricas – entre elas Moto Honda, Gradiente, Phillips, Evadin, CCE, Yamaha, Sharp – e, assim sucessivamente as grandes empresas da época. Este momento qualificou verdadeiramente os operários como responsáveis pelo movimento e não apenas os dirigentes. Embora a força da representação dos dirigentes fosse muito forte, essa distribuição de função, essa socialização da liderança foi fundamental para o surgimento de novos líderes.

- 34 Na época surgia a lambada, uma tendência musical de ginga e embalo na dança. Este estilo com muito molejo foi inserido na festa por ocasião da greve. A festa ajudou a tirar a monotonia da greve, aquela cara dura da greve. A introdução da festa na greve se constituiu numa questão positiva, porque o operário sentia-se no seu espaço e externava sua subjetividade.

A greve é minha, o espaço é meu, eu sou o dono da greve, esse espaço é meu. Eu sou o dono da greve, eu danço, eu canto, eu namoro. Na época o pessoal namorava muito na sombra, no pátio da empresa. Assumiram esse espaço como deles. O que eles não faziam durante o dia no almoço, no café da manhã, passaram a fazer. A liberdade de expressão só se faz quando tem certeza da sua liberdade. Para exemplificar, o pessoal diz assim: - tem mulher que se separa porque o seu marido não dança, não leva para festa, então lá na fábrica também era privado esse direito, de repente ela dizia: eu tenho esse direito eu vou aqui dançar, vou brincar, vou abraçar, vou beijar, é minha a greve, eu estou em greve, e pronto. Não era uma coisa que divertia, que destoava da greve, não, ao contrário, fortalecia porque era uma coisa dele, era um exercício de liberdade da greve, era um espaço construído na consciência dos operários em formação (R. M entrevista 05/2008)².

- 35 O depoimento deste ex-dirigente sindical revela a importância atribuída à festa pelos operários amazonenses. Para eles as greves eram mais do que descanso ou diversão porque concebidas como se fossem suas, e não preparadas para eles. Neste cenário, os próprios grevistas são os músicos, eles deixam de ser meros expectadores, para se tornarem atores de um espetáculo onde são as principais personagens. O modo como os operários se comportavam durante as manifestações grevistas traduz todo um sentimento coletivo do que representa cada momento de sua militância. Eles transgrediam seus espaços porque se sentiam libertos da fadiga e do marasmo que era sua função na linha de produção.

- 36 Eles encontraram no espaço da greve, além de uma sociabilização, a festa como um ato de construção cognitiva, uma vez que nesta ocasião a festa possibilitava a abertura para a luta e sociabilidade operária que, segundo Blass (apud. Perrot, 1992, p. 21) “desfazem a conduta de horários rígidos, as cadências alucinantes e introduzem em uma existência fatigante e sem trégua, a liberdade do lazer”. Em consonância com Blass (1992), a festa na greve, pode acontecer ou não depende das suas circunstâncias. Esta autora afirma que “difícilmente é preparada para tornar-se uma festa, na medida em que resulta das atividades imprevistas e espontâneas que surgem no desenrolar das lutas sociais” (Blass, 1992, p. 17). Ela faz uma distinção entre manifestação e festa. Comparando suas características, verifica-se que,

[...] a festa se encontra mais próxima da tradição, repetindo o ritual de reunir as pessoas com o objetivo de celebrar, comemorar. A manifestação, ao contrário, exprime a atualidade, a conjuntura, sendo pontual e mais fugaz; mesmo que seja pouco espontânea, ainda assim é possível apresentar algum grau de imprevisibilidade em seus desdobramentos [...] a festa nem sempre apresenta uma conotação política ao passo que a manifestação sempre o faz (Idem, p. 17).

- 37 Concordamos genuinamente com esta autora ao reafirmar que embora estas duas idéias sejam distintas, elas interpenetram-se de tal modo que, em alguns lugares, a festa se transforma em manifestação e, em outros, é a manifestação que empresta o ritual da festa.
- 38 Era no ato da festa que se presenciava a expressão mais clara da alegria do operariado amazonense, embora para eles o sentido da festa fosse mais abrangente, porque era neste

ato de exaltação coletiva que eles expressavam o espírito de liberdade e o prazer de transgredirem as normas sociais, de romperem interditos.

- 39 Foi nesse clima que foram comemoradas não só as vitórias, mas, também, o entusiasmo do operário amazonense. Era humanamente impossível impedir a festa, mesmo quando a direção sindical não admitia. Os operários faziam desfiles, transformavam o lado monótono da greve e revelavam suas características amazônicas expressando a alegria e a sua arte. É justamente nesta perspectiva que acontecem os primeiros trabalhos voltados para a categoria operária.
- 40 Hoje a bandeira de luta do operariado amazonense gira em torno da casa própria, o direito integral à saúde, as lutas institucionais, a luta em defesa do meio ambiente, pela educação ambiental, responsabilidade social das empresas, que a Prefeitura e o Estado saneiem os igarapés, dentre outras. As bandeiras de hoje são totalmente diferentes, pela qualidade nutricional da alimentação para nossos filhos, porque as bandeiras políticas já foram conquistadas.
- 41 Hoje, o Brasil é um país dirigido por um governo que se integra mais às classes subalternizadas do que outras. A luta foi árdua para termos um governo democrático-popular, apesar de muita gente ainda passar fome.
- 42 Todos falam em educação, mas ninguém educa o ignorante, por exemplo: qual é a proposta do Estado e da prefeitura para eliminar o analfabetismo? não há. E essa é uma bandeira fundamental do Sindicato para sair do corporativismo.
- 43 À medida que você saneia o igarapé melhora a vida de muita gente, à medida que você planta mil árvores você melhora a respiração de muita gente. Então as lutas são institucionais, são várias bandeiras institucionais. Ser mais inteligente na questão da educação, na questão da alfabetização de adultos. Atualmente o espaço da luta e sociabilidade operária é outro e, sem dúvida, incomparável àquele dos anos oitenta.
- 44 Não é só a bandeira do salário. A bandeira do salário acaba sendo uma pobreza de um Sindicato que não luta, porque esta bandeira é natural. Um operário não pode ganhar menos que dois salários mínimos. Neste caso ele trabalha até as 13h00min da tarde, em seguida ocupa a sua tarde inteira para vender banana. Ele pode também trabalhar a tarde ganhando um salário mínimo e voltar de manhã para vender jaraqui e completar mil e quinhentos reais. Enfim, é melhor pagar oitocentos e trabalhar o dia inteiro do que receber quatrocentos (salário mínimo) e ficar o dia inteiro preso numa linha de montagem.
- 45 O cotidiano deste operário se inscreve numa nova maneira de abordagem social, o que para Silva (2003) representa a “história vista de baixo” que tem sido um campo fértil para esse tipo de abordagem. Vários historiadores têm procurado em um emaranhado de fontes os significados que homens e mulheres anônimos imprimiram às suas vidas, criando e manifestando representações e atos nem sempre congruentes com os temas dominantes. O poder e a política constituem uma rede de relações na qual atuam forças instáveis e permanentes movimentos de oposições, são também uma possibilidade de os “de baixo” extrair recursos materiais e simbólicos de circunstâncias plena de ambiguidade e tensões.
- 46 Como os operários deixaram poucos registros sobre suas vidas, menos se desvenda o que realmente pensavam. É nesse sentido que tentamos fazê-los contar parte de suas experiências, a partir de uma série de fontes, que nem sempre tiveram a intenção de ser a expressão de sua própria voz.

- 47 Os vínculos com advogados, jornalistas, políticos e intelectuais não eram apenas uma opção instrumental para a mediação dos conflitos nos limites da ordem e do direito. Havia também a aposta de que a educação e a tomada de consciência dos trabalhadores dependiam da intenção esclarecedora de intelectuais saídos da burguesia. Na década de oitenta, ainda não se ouvia falar em crimes envolvendo disputas pelo controle da direção do sindicato.
- 48 Embora o espaço fosse de todos, como de praxe, pessoal ligado a partido político também dividiu esse território. O artigo de Simão Pessoa publicado no jornal “A Crítica” denunciava:

o pessoal ligado ao PCdoB agiu como um Midas ao contrário: onde eles tocavam, virava merda – Além de agredir dois diretores do Sindicato (Élson e Ionacy) queriam capitanear a greve para fazer proselitismo babaca e filiar os grevistas. Quando aprenderão a não misturar as coisas (política partidária com política sindical) é algo que, sinceramente, não saberia responder, mas fica a advertência.

Lamentavelmente, o espaço de luta e sociabilidade operária se complicava ainda mais quando neste cenário, transitavam pessoas com este perfil. Apesar das divergências, pode-se dizer que o operariado do PIM vivenciou não só momentos repressivos por parte do empresariado. Mas valeu a pena porque refletiu à classe empresarial o adotar de novas posturas comportamentais de seres civilizados, não de guardas pretorianos.

Em toda democracia existem impasses e compete aos envolvidos resolvê-los da melhor maneira possível, como foi feito. O mais era revanchismo, que cheirava a Velha República, que cheirava a Ditadura. (Arquivo P.O – A Crítica 08/1985).

- 49 A solidariedade operária abriu caminhos para uma tomada de ação do trabalhador do PIM. A informação de que os trabalhadores estavam organizando um Fundo de Greve espalhou-se rapidamente pela cidade. Em todos os segmentos sociais o apelo repercutiu, impreterivelmente, nas associações e entidades de classe. Nas igrejas: as missas de domingo (04/08/85), recolheram donativos dos fiéis para os grevistas; no meio artístico: o poeta Dori Carvalho³ declamou estes três *poemas operários* aos trabalhadores da Zona Franca de Manaus:

O CHEIRO DO POVO

O povo fede assim,
para que os senhores
possam cheirar bem,
o cheiro do povo
é o cheiro que vem dos senhores,
de suas minas, suas fábricas,
caminhões e máquinas,
para que os senhores possam
cheirar bem.

ENCHENTE

Como as águas desse rio
que correm para o mar
a liberdade, aqui,
um dia há de chegar.
espocando feito pororoca
arrastando o velho,
desaguando o novo,
inundando de alegria
a cara do povo.

AS TETAS DO POVO

Fiquem aí os senhores,

mamando nas tetas do povo,
enquanto o povo
mama nas tetas das pedras,
mama nas tetas da fome, cuidado!
Muito cuidado, senhores,
qualquer dia
as pedras viram armas,
qualquer dia
a fome vira raiva
qualquer dia
a casa cai.

- 50 Além da contribuição artística no sentido de clamar pelas melhorias em prol dos trabalhadores, também houve o clamor da própria sociedade, demonstrando atitudes e compartilhando de modo solidário.
- 51 Por dentro da fábrica o confronto patronal era bastante duro. Algumas empresas colocavam a polícia dentro da fábrica. A chefia de divisão, chefe de produção, seus auxiliares batiam pesado com os trabalhadores. Quem não obedecesse era demitido por justa causa para mostrar que os patrões tinham forças. Graças a uma pequena organização que os trabalhadores tinham, a consciência de classe, até por força da referência com São Paulo que fazia sua greve dentro da fábrica, em alguns casos eles resistiram. Nessa época já conseguiram organizar algumas comissões de fábrica, a empresa Caloi, por exemplo, foi a primeira empresa a conseguir uma comissão de fábrica no Estado do Amazonas.
- 52 Hoje percebemos uma manifestação muito pontual em relação à luta de classe. Cabe-nos pensar: será que na década de oitenta os trabalhadores eram mais politizados, mais militantes e de enfrentamentos? o que houve, afinal? para responder a tais questionamentos exige-se uma análise cautelosa. Atualmente convive-se com o tempo da política neoliberal. Essa política neoliberal apresenta-se com três abrangências: a questão política, social e a econômica. O que acontece? a classe trabalhadora da década de 80 comportava o perfil do trabalhador para o trabalho, poucos estudavam e os que não estudavam reuniam-se, discutiam, participavam de cursos, de atividades e de formação que ajudavam nos enfrentamentos contra o governo, produzindo, assim, novos dirigentes no movimento operário.
- 53 Durante os atos da militância, o território fabril serviu de palco para a realização de atividades prazerosas; a festa, por exemplo. Pode-se dizer que, em parte, foi um ato positivo. Por outro lado foi até negativo porque se tende a ver a dialética em tudo, nada é 100%. Mas significou a descontração dos trabalhadores.
- 54 A presença das mulheres na greve, como na de 1985, pode ser por si só, considerado um ato de transgressão social. As formas irreverentes ou selvagens de atuação grevista das mulheres, na visão de muitos, invertiam a ordem, instalavam a desordem e a ironia, que compunham o cenário da festa na greve de 1985.
- 55 Para Torres (2005) essas mulheres não foram atraídas por um projeto de vida gloriosa fora do sindicato. Elas enfrentaram situações de grandes dificuldades no âmbito da vida material em face das exigências do mercado no que se refere aos critérios de escolarização e jovialidade (?) impostas pela reestruturação produtiva. Consequentemente, elas aprenderam a lidar com as tensões das relações sociais, reconhecendo os limites de atuação na esfera pública e procurando vencer de acordo com suas estratégias.

- 56 Boa parte das lideranças femininas que fizeram a história da classe trabalhadora nos anos oitenta passou a viver o grande dilema quando se pensou numa reintegração no mercado de trabalho. Isto não significa que elas tivessem feito opções erradas nas suas vidas. Mas era necessária uma harmonização entre a militância e a vida particular. Como nos mostra Torres (2005, p. 274),
- os sonhos e utopias não se identificam com as estruturas do mundo, mas estão dentro delas por intermédio das pessoas que se recriam nelas como um processo. Não coincidem totalmente com nenhuma alternativa histórica concreta, situam-se para além numa perspectiva de abertura para adiante.
- 57 É neste tom que as mulheres abraçaram outras causas. Elas lutam para descortinar novos horizontes nas suas vidas. O tempo perdido pela causa operária não recebeu o reconhecimento por parte de seus pares (homens). Apesar disso, elas continuam lutando, buscando alternativas no sentido de preencher esta grande lacuna que ficou em suas vidas. Os sonhos e utopias apesar de não serem condizentes com os dias atuais, mas permanecem nos seus corações e mentes quando se pensa em vencer. Como lembra Scherer (2005, p. 88) “o desejo de retorno às indústrias do DI deve-se à possibilidades da carteira assinada. Com essa representação simbólica, os trabalhadores se sentem mais seguros e, ainda, pelo fato de o emprego formal garantir os serviços sociais”.
- 58 Esta vontade ficou tão latente no imaginário dessas mulheres que acabaram enveredando por outros caminhos. Suas lutas continuaram e continuam no sentido de buscar o reconhecimento da sociedade por meio da ocupação do seu espaço.
- 59 Como bem mencionei no decorrer deste ensaio, tudo parecia se juntar em Manaus. Uma cidade que teve sua geografia alterada. De um lado causada pelo expressivo êxodo rural, justificada pelas novas alternativas vislumbradas na Zona Franca de Manaus e, por outro, o sonho de trabalhar no PIM. Este que revelou os novos atores sociais no campo da luta classista no Amazonas, transformando-se no grande cenário da luta do operariado pela constituição de sua classe, o novo sindicalismo, enfim, pela construção de sua identidade coletiva tão desejada pelos trabalhadores nos anos 1980.
- 60 Mas esta estrutura sofreu seus abalos nos anos 1990, quando uma nova reconfiguração no mundo do trabalho é imposta ao trabalhador. Suas relações sociais e de produção passaram a constituir-se em novos desafios. O espaço de campo de luta foi afetado porque na então conjuntura as estratégias, as bandeiras de lutas passaram a acontecer por outros motivos. O espaço das grandes mobilizações cedeu lugar a outras atividades.
- 61 Atualmente, o que se percebe no PIM é o conhecido Calçadão, um ponto de lazer aos trabalhadores; a Bola da Suframa, hoje, recebe o nome de Centro Cultural Povos da Amazônia, aonde acontecem os eventos festivos por ocasião do Festival Folclórico de Manaus, não mais como o cenário dos principais levantes ocorridos no PIM protagonizados pelos trabalhadores, mas não deixa de lembrar aos que viveram naquela década o espaço dos grandes acontecimentos.

BIBLIOGRAFIA

- BLASS, Leila Maria da Silva. Estamos em Greve: imagens, gestos e palavras do movimento dos bancários, 1985. São Paulo: Hucitec, 1992.
- PERROT, Michelle. Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- REIS FILHO, Milton Melo dos. Quem vai descer a Acará? Processo de construção do fazer-se classe do operariado do Parque Industrial de Manaus – Anos 1980. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Manaus: UFAM, 2008.
- SADER, Eder. Quando os novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 14ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SCHERER, Elenise. Baixas nas carteiras: desemprego e trabalho precário na Zona Franca de Manaus. Manaus: EDUA, 2005.
- SILVA, Fernando Teixeira da. Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003.
- SOJA, Edward W. Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica / Edward W. Soja; tradução (da 2ª Ed. Inglesa) Vera Ribeiro; revisão técnica, Bertha Becker, Lia machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária Inglesa II. Tradução de Renato Busatto Neto e Claudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- TORRES, Iraíldes Caldas. As Novas Amazônidas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

FONTES JORNALÍSTICAS

- Jornal A Crítica – 31/07/1985.
- Jornal A Crítica – 12/08/1985.
- Jornal O Parafuso - Pastoral Operária - Manaus/Am – Ano III, nº 14, Abril-Maio, 1988.

NOTAS

1. Cf. Jornal A Crítica, 31 de julho de 1985 – Arquivo Pastoral Operária Manaus.
2. Entrevista realizada pela ocasião dos estudos em nível de mestrado. Cf. REIS FILHO, Milton Melo dos. Quem vai descer a Acará? Processo de construção do fazer-se classe do operariado do Parque Industrial de Manaus – Anos 1980. Manaus: UFAM, 2008.
3. Dori Carvalho é poeta, ator e livreiro. (Arquivo P.O - Cf. A Crítica de 12/08/2008).

RESUMOS

Este artigo é resultado das discussões realizadas ao longo da disciplina “Atividade Programada II - O papel da Geografia Crítica na Pesquisa Urbana e Regional” ministrada pelo professor doutor Miguel Kanai da *University of California, Los Angeles (UCLA)*, após fazer suas inquirições iniciais sobre os vários projetos doutorais. O estudo pretende realizar uma discussão sobre a cidade de Manaus que sentiu na sua geografia o reflexo de significativas mudanças, a partir dos anos 1970, o que culminaram com a acelerada ocupação do espaço. Novos sujeitos foram atraídos pelos desafios oriundos da chamada Zona Franca de Manaus e pelo grande projeto da implantação do seu Pólo Industrial. Este que passou a ser o grande espaço de inserção do trabalhador operário nos vários setores da indústria. Busca-se descobrir a novidade nas lutas mais tradicionais do Pólo Industrial de Manaus, na ocupação do espaço, na resistência, na forma de fazer-se classe e história para o movimento social no Amazonas. Os novos ideais inseriram o Pólo Industrial de Manaus no espaço de construção e sociabilidade operária nos anos 1980.

This article is the result of discussions with the subject "Scheduled Activity II - The Role of Critical Geography in Urban and Regional Research" given by Professor Dr. Miguel Kanai of the University of California, Los Angeles (UCLA), after making your initial inquiries about the number of doctoral projects. The study intends to hold a discussion about the city of Manaus that he felt in his geography reflect significant changes from the 1970s, which culminated with the rapid occupation of space. New subjects were attracted by the challenges from the so-called Free Zone of Manaus and the general design of the implementation of its Industrial Pole. This one became the great space for the insertion of workers employed in various sectors of industry. Seeks to discover the novelty in the struggles of more traditional Industrial Pole of Manaus, in the space occupation, resistance, in order to make up class and history to the social movement in the Amazon. The new ideas inserted the Industrial Pole of Manaus in the space of sociability and construction workers in the 1980s.

ÍNDICE

Keywords: Manaus, industrial pole, sociability workers

Palavras-chave: Manaus, pólo industrial, sociabilidade operária

AUTOR

MILTON MELO DOS REIS FILHO

Doutorando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPPEAM e membro do Grupo de Pesquisa e Estudo Observatório Social: Gênero, Política e Poder.